Mateus Torres Cruz

Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats

Orientação da atenção seletiva visual por pistas auditivas em ratos

São Paulo

2022

This page was intentionally left blank

Mateus Torres Cruz

Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats

Orientação da atenção seletiva visual por pistas auditivas em ratos

Ph.D. Thesis presented at the University of São Paulo, Institute of Biosciences, Brazil, to obtain the title of Doctor of Sciences. Concentration area: General Physiology.

Advisor: Gilberto Fernando Xavier

São Paulo

2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca do Instituto de Biociências da USP, com os dados fornecidos pelo (a) autor (a) no formulário:
'https://biblioteca.ib.usp.br/ficha-catalografica/src/ficha.php'

Torres Cruz, Mateus
Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats / Mateus Torres Cruz ; orientador Gilberto Fernando Xavier -- São Paulo, 2022.
127 p.

Tese (Doutorado) -- Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Fisiologia.

1. Posner task. 2. Covert orienting of attention task. 3. Operant conditioning. 4. Mental chronometry. 5. Spatial orienting. I. Fernando Xavier, Gilberto, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável pela catalogação:
Elisabete da Cruz Neves - CRB - 8/6228

Mateus Torres Cruz

Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats

Orientação da atenção seletiva visual por pistas auditivas em ratos

Ph.D. Thesis presented at the University of São Paulo, Institute of Biosciences, Brazil, to obtain the title of Doctor of Sciences. Concentration area: General Physiology.

Advisor: Gilberto Fernando Xavier

Approved in:

____

Thesis Defense Committee

Prof(a). Dr(a).:____.

Institution:____.

Decision:____.

Prof(a). Dr(a).:____.

Institution:____.

Decision:____.

Prof(a). Dr(a).:____.

Institution:____.

Decision:____.

Dedication

To my nuclear family–
Conceição, Deraldo and Simão –
for inspiring me to follow this path
and for doing their best to give me
all the support I needed to succeed.
To my spiritual brother – Natan – for
taking and throwing many
punches for and with me.
To my spouse – Zeni – for
helping me become a better human
being.
To my master – Jesus – for
teaching me how to live.
To God, for allowing me to be
co-creator of myself.

Dedicatória

A minha família nuclear – Conceição, Deraldo e Simão – por me inspirarem a seguir este caminho e por fazerem o melhor que puderam para me dar todo o suporte que eu precisava para vencer.

A meu irmão espiritual – Natan – por dar e receber muitos socos da vida por mim e comigo.

A minha esposa – Zeni – por me ajudar a ser um ser humano melhor.

Ao mestre – Jesus – por me ensinar a viver.

A Deus, por me permitir ser cocriador de mim mesmo.

Acknowledgements

At first, all I was going to write here was:

“I promise that, for the rest of my existence, I will express my gratitude for all individuals that somehow contributed to me during this work through my efforts of becoming a better human being and making the world a better place”.

Although that sentence is true, it did not seem enough as an acknowledgement.

After giving it some thought, and reading other acknowledgements of other people, I realized that there is something unique about thanking people by name. Our names act as a unique identifier for our identities, such that saying or writing a person’s name makes direct reference to all that person represents in the real world. So by thanking someone by name, I would not only be acknowledging that the effort the person made to help me finish my work was crucial to me, but saying that that person was essential for me to be where I am; and that feels powerful.

Besides that, although this work is not a part of me, it is a product of who I am. It is what it is because I became who I needed to be to complete it, and I would not be who I am today without the help of many people.

These realizations made me want to also evoke the names of those that, by being who they are and being where they were, allowed me to be a person I needed to be to finish this work.

So here we go.

First, I must thank all people more directly involved with this work and my academic life.

Thank you, Gilberto, for advising and guiding me in this long journey. I know you did for me more than I know. I hope someday I can return to you (with interest) all the good you did for me.

Thank you, Rich, Gustavo and Frazão for also advising me in this journey. Your contributions have made me a better scientist.

Thank you, Daniel, Elisa, Ammir, Stephanny, Victor, Nipuni, Luan, Pedro and Ana, my scientific friends and colleagues. Your friendship made this experience a lot easier. I hope we can extend our friendships beyond academia.

Thank you, Manu, Vitória, Stephanny (again) and Nipuni (again), for helping me with my experiments. Your contributions were invaluable. I do not think I would have been able to finish my experiments without you and I cannot acknowledge you enough.

Thank you, Rich (again), Kerry, Sheridan, Lupeng, Leor, Gongchen, Leor, James, Cesar, Jessica, Ieva and Jason, for making me feel welcome at the NIH. I know I probably will not see any of you again, but I am happy to had been part of this incredible team and great institution.

I give my acknowledgements to CNPQ, for the financial support and to CAPES (This work was partially supported by “Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior” Brasil – Finance code 001).

I must also thank all people that are a crucial part o my life, that gave me the strength to go on, especially on the darkest of the days. These are in no specific order.

Thank you, mom (Conceição), dad (Deraldo) and brother (Simão) for loving me unconditionally. The fact I knew I could always count on you comforted me in harsh times.

A giant “thank you” to all my extended family. Specially “vô” Elpídio, “vó" Ana and “vó” Maria, for nurturing and keeping together such a loving family; aunts Dinha and uncle Bilo, for treating me as a true son; Cassia and Clarisse, for loving me as a brother.

Thank you, Natan, for being my brother, not by blood, but by heart and always being there for me. Your love makes me feel truly at home, whenever and however I am.

Thank you, Zeni, for taking care of me and supporting me. I do not think I would have been able to withstand the ups and downs of this whole process without you. Your love did and does more for me than you can possibly imagine. I could not thank you enough.

Thank you, my Peruvian family. Specially “mamá” Asunta y “papá” Juan for accepting me as a son, and to Franco, Maria and Mery, for loving me as a brother.

Thank you, Bruna, for being my best friend and always being with me, even though we are many of kilometers apart. You might not always be on my sight, but you are and will always be in my heart.

Thank you, “Comunidade Espírita Arvorecer”, for teaching me to pursuit my true calling.

Please note that if you feel sad I did not cite your name here, it is because you should be here. I am sure that my memory has failed me more than once and I hope you can forgive me for that.

Agradecimentos

Inicialmente, tudo o que eu ia escrever aqui era:

“Prometo que, pelo resto da minha existência, vou expressar minha gratidão a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para mim durante este trabalho através do meu esforço para me tornar um ser humano melhor e fazer do mundo um lugar melhor”.

Embora essa frase seja verdadeira, não pareceu um agradecimento suficientemente bom.

Depois de pensar um pouco e ler outros agradecimentos de outras pessoas, percebi que há algo especial em agradecer as pessoas pelo nome. Nossos nomes atuam como um identificador único para nossas identidades, de modo que dizer ou escrever o nome de uma pessoa faz referência direta a tudo que essa pessoa representa no mundo real. Então, ao agradecer pelo nome de alguém, eu não estaria apenas reconhecendo que o esforço que a pessoa fez foi crucial para mim, mas dizendo que essa pessoa foi essencial para eu estar onde estou agora; e isso parece poderoso.

Além disso, embora este trabalho não faça parte de mim, é um produto de quem eu sou. É o que é porque me tornei quem precisava ser para completá-lo, e não seria quem sou hoje sem a ajuda de muitas pessoas.

Essas constatações me fizeram querer também evocar nominalmente as pessoas que, sendo quem são e estando onde estavam, me permitiram ser a pessoa que precisava ser para concluir este trabalho.

Vamos lá!

Em primeiro lugar, devo agradecer a todas as pessoas mais diretamente envolvidas com este trabalho e minha vida acadêmica.

Obrigado, Gilberto, por me aconselhar e guiar nesta longa jornada. Eu sei que você fez por mim mais do que eu sei. Espero um dia poder retribuir (com juros) todo o bem que você fez por mim.

Obrigado, Rich, Gustavo e Frazão por também me aconselharem nesta jornada. Suas contribuições me tornaram um cientista melhor.

Obrigado, Daniel, Elisa, Ammir, Stephanny, Victor, Nipuni, Luan, Pedro e Ana, meus amigos e colegas científicos. Sua amizade facilitou muito essa experiência. Espero que possamos estender nossas amizades além da academia.

Obrigado, Manu, Vitória, Stephanny (novamente) e Nipuni (novamente), por me ajudarem com meus experimentos. Suas contribuições foram inestimáveis. Eu não acho que teria sido capaz de terminar meus experimentos sem vocês. Nenhum agradecimento seria grande o suficiente para o tanto que vocês me ajudaram.

Obrigado, Rich (de novo), Kerry, Sheridan, Lupeng, Leor, Gongchen, Leor, James, Cesar, Jessica, Ieva e Jason, por me fazerem sentir bem-vindo no NIH. Eu sei que provavelmente não verei nenhum de vocês novamente, mas estou feliz por ter feito parte dessa equipe incrível e dessa gigante instituição.

Também agradeço ao CNPq e à CAPES pelo financiamento de minhas atividades de pós-graduação. O presente trabalho foi parcialmente financiado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Devo também agradecer a todas as pessoas que são uma parte crucial da minha vida, que me deram força para continuar, especialmente nos dias mais sombrios. Estes não estão em nenhuma ordem específica.

Obrigado, mãe (Conceição), pai (Deraldo) e irmão (Simão) por me amarem incondicionalmente. O fato de saber que sempre poderia contar com você me confortou nos momentos difíceis.

Um gigante “obrigado” a toda a minha família. Em especial “vô” Elpídio, “vó” Ana e “vó” Maria, por nutrir e manter unida uma família tão amorosa; tias Dinha e tio Bilo, por me tratarem como um verdadeiro filho; Cássia e Clarisse, por me amarem como irmão .

Obrigado, Natan, por ser meu irmão, não de sangue, mas de coração e estar sempre ao meu lado. Seu amor me faz sentir verdadeiramente em casa, não importa onde eu esteja.

Obrigado, Zeni, por cuidar de mim e me apoiar. Eu não acho que teria sido capaz de suportar os altos e baixos de todo esse processo sem você. Seu amor fez e faz mais por mim do que você pode imaginar. Eu não poderia agradecer o suficiente.

Obrigado, minha família peruana. Especialmente “mamá” Asunta e “papá” Juan por me aceitarem como filho, e a Franco, Maria e Mery, por me amarem como um irmão.

Obrigada, Bruna, por ser minha melhor amiga e estar sempre comigo, mesmo estando a muitos quilômetros de distância. Você pode não estar sempre à minha vista, mas você está e sempre estará no meu coração.

Obrigado, “Comunidade Espírita Arvorecer”, por me inspirar a perseguir minha verdadeira vocação.

Se você que lê esse agradecimento se sente triste por eu não citar seu nome aqui, é porque você deveria estar aqui. Tenho certeza de que minha memória, que já é muito falha, falhou mais uma vez e espero que você possa me perdoar por isso.

Epigraph

To live is to learn; and to learn is to
try to live better.”
(Nyerere, J. K. (1973). Adult
education year. *Freedom and*
development. p. 138)

Abstract

Cruz, M. T. (2022). Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats (Ph.D. Thesis). Institute of Biosciences, University of São Paulo, São Paulo.

Orienting of **selective attention** is a widely studied phenomenon in the Neurosciences. Studies in both humans and non-human animals, employing a wide range of methods – from behavioral tasks, to optogenetic manipulations –, have advanced the knowledge in the area. Thanks to these advances two main types of orienting of attention have been describe, **endogenous orienting**, which depend on the internal expectations of the animal about its environment, and **exogenous orienting**, which depends on how salient environmental stimuli are. Although important advances have been made, the understanding of both the phenomenology and physiological underpinnings of selective attention is far from complete. Animal models in biological studies have historically allowed great leaps forward for scientific knowledge. The present work adds to the field of attention by further investigating the use of in rats in the study of attention. Specifically, by using a behavioral task – a Posner-like covert orienting of attention task using auditory cues and visual targets – we investigated select attention shifts between two different sensory modalities, i.e., vision and hearing. In Experiment 1 experimentally demonstrated, for the first time, that exogenous orienting of visual attention by auditory stimuli is possible in rats. Experiment 2 investigated how exogenous and endogenous orienting are affected by whether visual and auditory stimuli are presented at the same or at different locations, i.e., by their degree of spatial superposition. The results show that the intermodal attentional shift does not seem to depend on presentation of the auditory cue and visual target exactly in the same location. By bringing to light these previously unknown aspects of the orienting of attention in rats, this study contributes to the use of this animal model in future investigations of the physiological underpinnings of attention.

Palavras-chave: Posner task, Covert orienting of attention task, Operant conditioning, Mental chronometry, Spatial orienting.

Resumo

Cruz, M. T. (2022). Orienting of visual selective attention following auditory cues, in rats (Ph.D. Thesis). Institute of Biosciences, University of São Paulo, São Paulo.

A orientação da atenção seletiva é um fenômeno amplamente estudado nas Neurociências. Estudos em humanos e animais não humanos, empregando uma ampla gama de métodos – desde tarefas comportamentais, até manipulações optogenéticas –, têm ampliado o conhecimento na área. Graças a esses avanços, dois tipos principais de orientação da atenção foram descritos, a orientação endógena, que depende das expectativas internas do animal sobre seu ambiente, e a orientação exógena, que depende de quão salientes são os estímulos ambientais. Embora avanços importantes tenham sido feitos, a compreensão tanto da fenomenologia quanto dos fundamentos fisiológicos da atenção seletiva está longe de estar completa. Modelos animais em estudos biológicos têm, historicamente, permitido grandes avanços no conhecimento científico. O presente trabalho contribui para o campo da atenção, investigando o uso de em ratos no estudo da atenção. Especificamente, usando uma tarefa comportamental – uma tarefa de orientação encoberta da atenção do tipo Posner, usando pistas auditivas e alvos visuais – investigamos deslocamentos da atenção seletiva entre duas modalidades sensoriais diferentes, i.e., visão e audição. O Experimento 1 demonstrou experimentalmente, pela primeira vez, que a orientação exógena da atenção visual por estímulos auditivos é possível em ratos. O Experimento 2 investigou como a orientação exógena e endógena é afetada por estímulos visuais e auditivos serem apresentados no mesmo local ou em locais diferentes, ou seja, pelo seu grau de superposição espacial. Os resultados mostram que o deslocamento da atenção intermodal parece não depender da apresentação da pista auditiva e do alvo visual exatamente no mesmo local. Ao trazer à luz esses aspectos até então desconhecidos da orientação da atenção em ratos, este estudo contribui para o uso deste modelo animal em futuras investigações das bases fisiológicas da atenção.

Palavras-chave: tarefa de Posner, tarefa de orientação encoberta da atenção, condicionamento operante, cronometria mental, orientação espacial.

List of Figures

List of Acronyms

ANOVA	Analyses of Variance
GLMM	General Linear Mixed Models
IOR	Inhibition Of Return
IQR	interquartile range
ITI	Inter-Trial Interval
LED	Light-Emitting Diode
MT	Movement Time
NP	Non-Predictive
OCC	Operating Conditioning Chamber
P	Predictive
RT	Reaction Times
SEM	Standard Error of the Mean
SOA	Stimulus-onset asynchrony

Summary

1 Introduction

At every moment of our everyday lives, we are continuously facing countless sensory stimuli. As only a portion of them is relevant, the ability to focus only on the most relevant stimuli at each time is crucial to behave optimally. This capacity must also be flexible because a stimulus that is important in a given context might not be in another. For example, traffic lights are extremely important when one is driving a car, but not important when one is having a conversation in a nearby coffee shop. This flexible and selective ability of either filtering out or enhancing certain stimuli depending on the context is called selective attention, or simply attention.

William James, the father of Northern American psychology, was one of the first to scientifically investigate this phenomenon. In his “The Principles of Psychology” he summarizes the nature of attention in a quote that has already became a classic in the field:

> Everyone knows what attention is. It is the taking possession by the mind in clear and vivid form, of one out of what seem several simultaneously possible objects or trains of thought....It implies withdrawal from some things in order to deal effectively with others. (James, 1890)

This quote illustrates an important aspect of attention: the fact that it can be voluntarily oriented (“taking possession by the mind in clear and vivid form”) towards specific “objects or trains of thought”. This is called **endogenous orienting** and is how we direct attention when reading a book or while looking for someone wearing a red hat in a crowd. Attention, however, can also be “caught” automatically by salient features, like strong colors, movements, flashing lights. This is what happens when someone suddenly barges in through a door of a room we are in or when someone blows a horn near you in traffic. In this case, **exogenous orienting** is captured without direct influence of volition. These two different ways of directing attention interact constantly, allowing us to keep our mental resources, which are limited (see Carrasco, 2011), in what is important for our current goals while also keeping track of sudden events that might be important.

1.1 HOW ATTENTION HAS BEEN INVESTIGATED?

In 1980, Michael I. Posner, a Northern American psychologist, described a novel behavioral task, the covert orienting of attention task (Posner, 1980), that allowed the detailed investigation of these types of orienting and that still is very influential on how attention is experimentally studied to these days. By using it, he showed that selective attention could be investigated in humans by using a visuospatial task in a computer screen.

In a typical Posner task (see Chica et al., 2014 for a review) the subjects are exposed to several trials in a session. In each trial their goal is to, whilst maintaining their eyes fixated at the center of the screen, report the appearance of a visual stimulus, referred to as "**target**", by pressing a button. These targets occur randomly in predetermined areas of the screen, typically to the left or right of the fixation point. Critically, before the target appearance, a different visual stimulus, hereinafter referred to as the "**cue**", is presented, which provides information about the future location of the target. These cues may be **valid**, when they correctly indicate target location, or **invalid**, when they incorrectly do so. Posner and many other authors showed that targets preceded by valid cues generate shorter Reaction Times (RTs) and greater accuracy when compared to targets preceded by invalid cues, indicating that the subjects oriented attention towards the place indicated by the cue, responding faster and more precisely when this information led them to the correct target location (e.g. Bartolomeo et al., 2007; Berger et al., 2005; Carrasco, 2011; Dragone et al., 2017; Folk et al., 1992; Jonides, 1981; Juola et al., 2000; Luck et al., 1996; Martín-Arévalo et al., 2013; Meyberg et al., 2015; Posner, 1980). Differences in RTs (RT in invalid trials "minus" RT in valid trials) are usually referred to as "**validity effects**" and its magnitude can be used as a proxy of the influence of attention on the task being.

The most important feature of this task is that it allows studying orienting of attention independently from the movement of the sensory surfaces – the eyes, in this case. This is why it is called a **covert attention** task, in opposition to **overt attention** tasks , where there is concomitant orienting of sensory surfaces and attention (Luck & Vecera, 2002; MacInnes et al., 2020). By controlling the position of the sensory receptors, the covert task allows ascribing any effects to attention shifts and not to changes in sensory reception. Thanks to these characteristics, this task gained widespread popularity, enabling important advances not only in the investigation of visual attention (see Carrasco, 2011 for a review), but also in auditory attention (e.g., McDonald & Ward, 1999; Mondor & Zatorre, 1995; Spence & Driver, 1994), tactile attention (e.g., Spence & Gallace, 2007; Tassinari & Campara, 1996) and also in the study of cross-modal attention shifts (e.g., Spence et al., 2000; Störmer, 2019; Tassinari & Campara, 1996).

The task allows fine-tuned assessment of different aspects of attentional orienting, including its time course, predictability of the pending events and types of cues.

The **Stimulus-Onset Asynchrony** (SOA), in this task, is the time interval between the cue onset and the target onset, such that a SOA of 0 ms means that both stimuli are presented simultaneously and a SOA of 1000 ms means that the onset of the cue precedes the onset of the target by 1000 ms. As one may suppose, it is possible to investigate the time course of orienting of attention by measuring the reaction time to the target and accuracy of performance using different SOAs (e.g., Z. Wang & Theeuwes, 2012). It is often assumed that SOAs shorter than 50 ms rarely elicit any validity effects in humans, and that longer SOAs do it. This delay in the appearance of validity effects would reflect the time required for engaging attention. Thus, when cue and target occur too close in time there is not enough time to shift the focus of attention. The way orienting of attention affects perception after these ~50 ms depends on both predictability and type of cue (see below).

Predictability refers to the likelihoods the cue informs either validly or invalidly the pending target location. When exposed to a **predictive** scheme, i.e., the percentage of valid trials is greater than that of invalid trials (e.g., 80 % valid and 20 % invalid), subjects trend to “trust” the information brought by the cue and orient spatial attention accordingly. When exposed to a **non-predictive** scheme, with the same percentage of valid and invalid trials (i.e., 50 % valid and 50 % invalid), subjects tend to “ignore” the cues, at least relative to spatial signaling, since the cues do not bring any relevant spatial information about the pending target location. Therefore, it seems natural to suppose that predictive schemes generate validity effects. In fact, this occurs in most of times. However, this does not necessarily mean that non-predictive schemes do not induce validity effects, since this depends largely on the type of cue.

Different types of cues, including symbolic and peripheral, have been used to investigate selective attention. **Symbolic** cues correspond to arbitrary symbols which meaning is acquired through learning. Any symbol can be used. For instance, high-pitched beep could mean left and a low-pitched beep mean right; a square could indicate left and a circle indicate right; an “A” letter could mean left and a “B” letter could mean right; and so on. **Peripheral** cues, on the other hand, are salient stimuli which appearance, by itself, capture attention independently on the likelihood of indicating or not the pending target location. These type of cues come in many shapes and forms and usually occur in the immediate vicinity of the target. A classical visual example is the thickening of a peripheral box inside of which the target appears (e.g., Luck et al., 1996). Sounds with identifiable origin have also been used as peripheral cues (e.g., Hillyard et al., 2016; Störmer et al., 2009).

Combinations involving cue types, predictability schemes and SOAs have contributed for distinguishing different forms of orienting of attention.

For instance, in a covert orienting of attention task using symbolic auditory cues, a bilateral low-pitched beep indicates that a pending visual target, e.g., bright dots, may appear in the left visual field, and that a bilateral high-pitched beep indicates that the pending visual target may appear in the right visual field. Here, the cue is symbolic because its meaning has to be acquired (note that the association could be the reverse, i.e., low-pitch indicating right and high-pitch indicating left). If a non-predictive scheme (i.e., 50% of trials are valid and 50% of trials are invalid) is implemented using this type of cue (which spatial source is unidentifiable), no validity effect would be found. This is related to the fact that symbolic cues require learning in order to allow orienting of attention and, as the non-predictive scheme presents no pattern between cue presentation and pending target location, there is no association to be learned and, thus, no attentional effects are found (Jonides, 1981; Luck & Vecera, 2002).

Differently, a predictive scheme using symbolic auditory cues and visual targets should produce validity effects, since there would be a consistent pattern between the beeps and the location of dots. For instance, a high-pitched beep preceding a bright dot on the left in most trials, would allow, after some trials, prediction about the pending target location and thus orienting of attention to the cued side. This would render response to the target faster and more precise when the cue is valid, as compared to when it is invalid. This improved performance in valid trials is sometimes called **facilitation.** It has been considered an **endogenous** orienting of attention because it depends on the subjects' internal expectations about the meaning of the stimuli, which is formed through learning (Chica et al., 2014; Luck & Vecera, 2002). These validity effects usually begin around SOAs of 150 ms and last for several seconds (Doallo et al., 2004; Posner, 1980; Remington & Pierce, 1984; Shulman et al., 1979).

Another possible combination of cues and targets may involve peripheral auditory cues, for instance either low-pitched or high-pitched beeps, laterally and randomly presented close to the location where the visual target later appears. Differently from the symbolic non-predictive cues, peripheral stimuli do generate validity effects even when half of the trials are valid and the other half are invalid (i.e. they are non-predictive). Presentation of the cue peripherally, near the location of the pending target, captures attention in an **exogenous** manner (Chica et al., 2014; Luck & Vecera, 2002). This facilitation effect appears at SOAs shorter (of about 50 ms) than those observed for endogenous orienting of attention, leading to the interpretation that exogenous orienting of attention is quicker. This exogenous capture of attention, however, seems transient and last for about 100 ms, waning shortly after. Therefore, peripheral non-predictive cues seems to promote “automatic” capture of attention due to cue saliency, showing facilitation effects at short SOAs (Posner & Cohen, 1984; Wright & Richard, 2000). Interestingly, under certain circumstances, non-predictive peripheral cues associated with longer SOAs (about 300 ms) may reverse the validity effect, i.e., reaction times in trials using invalid cues are shorter as compared to those seen in trials using valid trials (Posner & Cohen, 1984; Wright & Richard, 2000). This effect, known as **Inhibition Of Return** (IOR), demonstrated both for cues and targets of the same sensory modality and cues and targets of different sensory modalities (Spence et al., 2000; Spence & Driver, 1998), is thought to promote attention orienting towards novel spatial locations by inhibiting orienting towards recently attended locations (Martín-Arévalo et al., 2013).

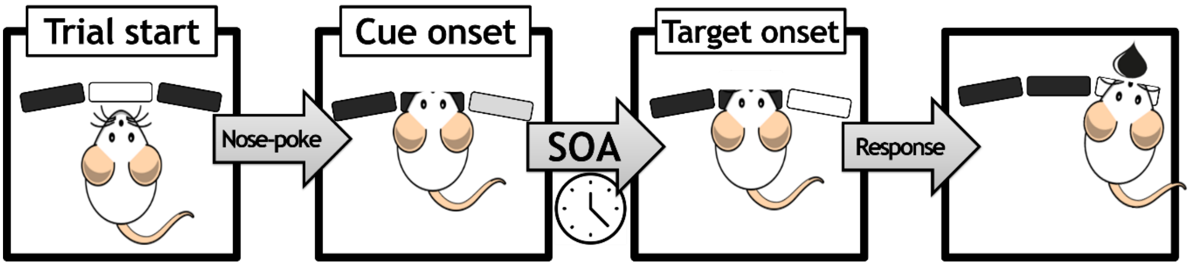
Finally, peripheral cues associated with predictive schemes promote, as expected, facilitation effects at short SOAs related to capture of exogenous attention by peripheral cues, and also endogenous orienting of attention at longer SOAs, associated with the predictability of the scheme (Bartolomeo et al., 2007; Luck & Vecera, 2002).

1.2 THE USE OF RATS IN THE INVESTIGATION OF ATTENTION

The Posner task has been adapted for non-human primates (Bowman et al., 1993), fish (Gabay et al., 2013), chicken (Sridharan et al., 2014), mouse (Li et al., 2021; L. Wang & Krauzlis, 2018) and rats (Rosner & Mittleman, 1996; Ward & Brown, 1996). These adaptations have allowed further investigations on the mechanisms and neural substrates of attention in ways not possible with humans.

Rats have been widely employed as experimental models in science, mainly due to their relative similarity to humans, small size, ease of maintenance, short life cycle, and relatively complex behavioral repertoire (Aitman et al., 2016; Ellenbroek & Youn, 2016). It is not surprising, therefore, that it was one the first animal models to be adapted to attention research. The Posner task for rats involves an operant conditioning chamber (OCC) with at least three holes in a wall, each hole equipped with a light source on its end (see Figure 2 for more details); these holes serve as "fixation point" (central hole) and targets (lateral holes). A typical trial (Figure 1) involves the animal nose-poking the central hole, receiving a visual cue (a dim light) through the lateral holes, keeping the nose poke for a SOA and then making a lateralized response to the target (a bright light) presented in one of the lateral holes (Rosner & Mittleman, 1996; Ward & Brown, 1996).

Figure 1 – Typical trial stages in a covert orienting of attention task in rats.



Source: Mateus Torres Cruz.

Early studies with rats employing the adapted Posner task investigated the role of different brain regions, or neurotransmitter systems, on orienting of attention, including the parietal posterior cortex (Rosner & Mittleman, 1996; Ward & Brown, 1997), striatal dopamine (Ward & Brown, 1996), thalamic reticular nucleus (Weese et al., 1999), cholinergic neurotransmission (Phillips et al., 2000) and the subthalamic nucleus (Phillips & Brown, 2000). Even though none of these studies investigated the phenomenology of attentional orienting, data allowed evaluation of hypothesis related on how rats orient attention. Collectively, these studies suggest that rats, similarly to humans, exhibit validity effects when exposed to the task, responding faster and more accurately in valid trials, as compared to invalid trials. Further, when the peripheral cues were non-predictive, validity effects did not appear at SOAs longer than 400 ms (Phillips et al., 2000; Weese et al., 1999), whilst validity effects for predictive cues extended to SOAs up to 1500 ms (Rosner & Mittleman, 1996; Ward & Brown, 1997).

Marote and Xavier (Marote & Xavier, 2011) were the first to directly investigate the phenomenology of attentional orienting in rats. Their results corroborated previous hypotheses that predictive cues tend to generate facilitation at longer SOAs, as compared to non-predictive cues. These authors suggested that, similarly to humans, rats exhibit short-lived validity effects for peripheral non-predictive cues interpreted as exogenous orienting of attention and more persistent validity effects for peripheral predictive cues interpreted as “endogenous-like” orienting of attention. They did not risk to refer to this latter effect as properly endogenous because when using peripheral cues, exogenous effects are always present which may confound with endogenous orienting of attention at intermediate SOAs. To have an unequivocal answer related to endogenous orienting of attention in rats, it would be necessary to employ symbolic predictive cues, that do not capture exogenous attention.

In order to evaluate the effectiveness of symbolic cues for promoting orienting of endogenous attention in rats, a task using auditory cues and visual targets was implemented (Cruz, 2017). In contrast to previous studies where dim lights were used as visual cues, in this novel task pure-tone sound beeps with different frequencies were employed as symbolic auditory cues. When beeps predicted the location of the visual target, there were validity effects. In other words, when a high-pitched beep preceded a visual target to the right in 80% of trials and a low-pitched beep preceded a visual target to the left in 80% of trials, subjects improved their performance (there was a reduction in reaction times and an increase in accuracy) in valid trials as compared to invalid trials[1]. Differently, when beeps were presented non-predictively to a different group of animals, no validity effects were seen. These results showed that rats do orient attention in a purely endogenous manner.

[1] The frequency of the beeps and the side they indicated for the impending visual target were counterbalanced, such that it is not possible to explain the results solely based on the frequencies employed.

1.3 THE SCOPE OF THIS WORK

Our previous study (Cruz, 2017) also included independent groups of subjects exposed to predictive and non-predictive peripheral auditory cues. While validity effects were seen for subjects exposed to peripheral predictive cues, there were no validity effects for subjects exposed to peripheral non-predictive cues. Together, these results suggested that peripheral auditory cues do not lead to capture of visual attention exogenously. Since results involving validity effects when using either symbolic or peripheral auditory cues were very similar, the observed validity effects were all ascribed to endogenous orienting of attention.

Some hypotheses were advanced for the lack validity effects when using non-predictive peripheral auditory cues. First, that rats are not able to orient visual attention exogenously when the cues are auditory. Second, that the location of the beep-releasing speakers relative to the location of the nose-poke device where visual targets were presented were to distant in space, thus limiting the occurrence of validity effects.

The first explanation seems farfetched, since identification of the origin of sounds is supposed to play an important role in orienting towards visual stimuli in mammals (R. S. Heffner & Heffner, 1992). The second hypothesis seemed more likely.

Hypothetically, several factors may have contributed for the lack of validity effects when using peripheral non-predictive auditory cues. For instance, the SOAs employed (200, 400, 800 and 1200 ms) may have not been short enough to allow detection of exogenous capture of attention, which usually is detectable at shorter SOAs (see above). It is possible that exogenous attention was captured by the non-predictive auditory cue, but, because of its transient nature, this attentional effect had dissipated at the SOAs employed. Another possible factor may be related to prolonged practice. Human beings exposed to this type of task exhibit reductions of attentional effects (Lupiáñez et al., 2001; Weaver et al., 1998). If a similar overtraining phenomenon occurs in rats, this may have contributed for the lack of validity effects because the animals had been exposed to more than 50 testing sessions. The last factor may be related to a possible spatial dissociation between the cue and target, an effect known to reduce attentional effects in humans (Spence, 2013). That is, the beep sounds were released from speakers located laterally to the place where the visual targets were presented (see Figure 3). This supposed spatial dissociation could have diminished the validity effect. Perhaps releasing both the cue and the target from the same location, i.e., inside the hole where the visual target was presented, could increase the validity effect.

This thesis reports two experiments that aimed at evaluating these hypotheses.

Experiment 1 evaluated if cross-modal, auditory-visual exogenous orienting of attention using peripheral non-predictive cues associated with shorter SOAs promotes the appearance of the validity effect in rats. That is, the two initial factors discussed above were evaluated by exposing the subjects to shorter SOAs and by reducing the amount of repetitive training. Results confirmed that rats do exhibit validity effects when orienting attention to visual targets using auditory cues, in a manner consistent with exogenous orienting of attention.

Experiment 2 investigated if a closer spatial origin of auditory cues and visual targets contributes for increasing the validity effect. Although this hypothesis was initially raised because of the lack of exogenous orienting of attention for non-predictive peripheral cues (Cruz, 2017), the experiment aim was broader. In addition to evaluating exogenous orienting of attention by non-predictive peripheral stimuli when cue and target have the same spatial origin, endogenous orienting of attention was also investigated using predictive peripheral auditory cues. A possible prediction was that a closer spatial auditory cue and visual target origin would enhance the validity effect, similarly to what happens in humans (Spence, 2013; Spence & McDonald, 2004). Surprisingly, we found that this closer spatial cue and target proximity had little or no effect in orienting of attention in rats.

2 Objectives

The general goal of this study was to investigate to which extent rats employ auditory cues to orient spatial visual attention. Taking into account previous hypotheses advanced by Cruz (2017), described above, our specific objectives included:

1. Investigate the time course of orienting of attention, particularly at short time intervals (SOAs < 300 ms), when using peripheral non-predictive auditory cues and visual targets;
2. Evaluate attentional effects in rats when using a conditioning protocol that avoids prolonged practice with task stimuli, and;
3. Test to which extent a closer spatial origin of auditory cues and visual targets stimuli interfere with either endogenous or exogenous orienting of attention, employing peripheral predictive and non-predictive auditory cues in independent groups of subjects.

6 Conclusions

The main contribution of this study was the demonstration that rats are able to orient visual attention exogenously when preceding auditory peripheral cues are presented in a Posner-like task adapted to rats.

This intermodal attentional shift does not seem to depend on presentation of the auditory cue and visual target exactly in the same location, since similar effects were observed with and without their spatial superposition.

Attentional effects in rats, similarly to humans, is affected by repetitive training, such that repeated exposure to the task stimuli wanes attentional effects.

7 References

Ahlmann-Eltze, C., & Patil, I. (2021). *ggsignif: Significance Brackets for "ggplot2."* https://cran.r-project.org/package=ggsignif

Ahrens, W., Cox, D., & Girish, B. (1990). Use of the Arcsine and Square Root Transformations for Subjectively Determined Percentage Data Author (s): William H . Ahrens , Darrell J . Cox and Girish Budhwar Published by : Cambridge University Press on behalf of the Weed Science Society of America. *Weed Science Society of America*, *38*(4), 452–458.

Aitman, T., Dhillon, P., & Geurts, A. M. (2016). A rational choice for translational research? *DMM Disease Models and Mechanisms*, *9*(10), 1231–1239. https://doi.org/10.1242/dmm.027706

Allaire, J. J., Xie, Y., McPherson, J., Luraschi, J., Ushey, K., Atkins, A., Wickham, H., Cheng, J., Chang, W., & Iannone, R. (2021). *rmarkdown: Dynamic Documents for R*. https://github.com/rstudio/rmarkdown

Arduino. (2017). *What is Arduino?* https://www.arduino.cc/en/Guide/Introduction

Bartolomeo, P., Decaix, C., & Siéroff, E. (2007). The phenomenology of endogenous orienting. *Consciousness and Cognition*, *16*(1), 144–161. https://doi.org/10.1016/j.concog.2005.09.002

Bates, D., Mächler, M., Bolker, B., & Walker, S. (2015). Fitting Linear Mixed-Effects Models Using lme4. *Journal of Statistical Software*, *67*(1), 1–48. https://doi.org/10.18637/jss.v067.i01

Berger, A., Henik, A., & Rafal, R. (2005). Competition Between Endogenous and Exogenous Orienting of Visual Attention. *Journal of Experimental Psychology: General*, *134*(2), 207–221. https://doi.org/10.1037/0096-3445.134.2.207

Bowman, E. M., Brown, V. J., Kertzman, C., Schwarz, U., & Robinson, D. L. (1993). Covert orienting of attention in macaques. I. Effects of behavioral context. *Journal of Neurophysiology*, *70*(1), 431–443. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=8360720

Box, G. E. P., & Cox, D. R. (1964). An Analysis of Transformations. *Journal of the Royal Statistical Society. Series B (Methodological)*, *26*(2), 211–252. http://www.jstor.org/stable/2984418

Carrasco, M. (2011). Visual attention: The past 25 years. *Vision Research*, *51*(13), 1484–1525. https://doi.org/10.1016/j.visres.2011.04.012

Chen, G., King, J. A., Burgess, N., & O'Keefe, J. (2013). How vision and movement combine in the hippocampal place code. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *110*(1), 378–383. https://doi.org/10.1073/pnas.1215834110

Chica, A. B., & Bartolomeo, P. (2012). Attentional routes to conscious perception. *Frontiers in Psychology*, *3*(JAN), 1–12. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2012.00001

Chica, A. B., & Lupiáñez, J. (2009). Effects of endogenous and exogenous attention on visual processing: An Inhibition of Return study. *Brain Research*, *1278*, 75–85. https://doi.org/10.1016/j.brainres.2009.04.011

Chica, A. B., Martín-Arévalo, E., Botta, F., & Lupiáñez, J. (2014). The Spatial Orienting paradigm: How to design and interpret spatial attention experiments. *Neuroscience and Biobehavioral Reviews*, *40*, 35–51. https://doi.org/10.1016/j.neubiorev.2014.01.002

Cruz, M. T. (2017). *Orientação endógena e exógena da atenção em ratos* [Universidade de São Paulo]. https://doi.org/10.11606/D.41.2017.tde-18102017-094111

Doallo, S., Lorenzo-López, L., Vizoso, C., Rodríguez Holguín, S., Amenedo, E., Bará, S., & Cadaveira, F. (2004). The time course of the effects of central and peripheral cues on visual processing: An event-related potentials study. *Clinical Neurophysiology*, *115*(1), 199–210. https://doi.org/10.1016/S1388-2457(03)00317-1

Dragone, A., Lasaponara, S., Pinto, M., Rotondaro, F., De Luca, M., & Doricchi, F. (2017). Expectancy modulates pupil size during endogenous orienting of spatial attention. In *Cortex*. https://doi.org/10.1016/j.cortex.2017.09.011

Dresp, B. (1998). The effect of practice on the visual detection of near-threshold lines. *Spatial Vision*, *11*(3), 315–327. https://doi.org/10.1163/156856898X00059

Ellenbroek, B., & Youn, J. (2016). Rodent models in neuroscience research: Is it a rat race? *DMM Disease Models and Mechanisms*, *9*(10), 1079–1087. https://doi.org/10.1242/dmm.026120

Folk, C. L., Remington, R. W., & Johnston, J. C. (1992). Involuntary covert orienting is contingent on attentional control settings. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *18*(4), 1030–1044. https://doi.org/10.1037/0096-1523.18.4.1030

Fox, J., & Weisberg, S. (2019). *An {R} Companion to Applied Regression* (Third). Sage. https://socialsciences.mcmaster.ca/jfox/Books/Companion/

Fuentes, L. J., & Campoy, G. (2008). The time course of alerting effect over orienting in the attention network test. *Experimental Brain Research*, *185*(4), 667–672. https://doi.org/10.1007/s00221-007-1193-8

Gabay, S., Leibovich, T., Ben-Simon, A., Henik, A., & Segev, R. (2013). Inhibition of return in the archer fish. *Nature Communications*, *4*, 1657. https://doi.org/10.1038/ncomms2644

García-Pérez, M. A. (1998). Forced-choice staircases with fixed step sizes: asymptotic and small-sample properties. *Vision Research*, *38*(12), 1861–1881. https://doi.org/10.1016/S0042-6989(97)00340-4

García-Pérez, M. A. (2000). Optimal setups for forced-choice staircases with fixed step sizes. *Spatial Vision*, *13*(4), 431–448. https://doi.org/10.1163/156856800741306

Gire, D. H., Kapoor, V., Arrighi-Allisan, A., Seminara, A., & Murthy, V. N. (2016). Mice develop efficient strategies for foraging and navigation using complex natural stimuli. *Current Biology*, *26*(10), 1261–1273. https://doi.org/10.1016/j.cub.2016.03.040

Hartig, F. (2021). *DHARMa: Residual Diagnostics for Hierarchical (Multi-Level / Mixed) Regression Models*. https://cran.r-project.org/package=DHARMa

Heffner, H. E., & Heffner, R. S. (1985). Sound localization in wild Norway rats (Rattus norvegicus). *Hearing Research*, *19*(2), 151–155. https://doi.org/10.1016/0378-5955(85)90119-4

Heffner, H. E., Heffner, R. S., Contos, C., & Ott, T. (1994). Audiogram of the hooded Norway rat. *Hearing Research*, *73*, 244–247.

Heffner, R. S., & Heffner, H. E. (1992). Sound localization in mammals. *The Evolutionary Biology of Hearing*, *232*, 691–715.

Hillyard, S. A., Störmer, V. S., Feng, W., Martinez, A., & McDonald, J. J. (2016). Cross-modal orienting of visual attention. *Neuropsychologia*, *83*, 170–178. https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2015.06.003

Hussain, Z., & Bennett, P. J. (2020). Perceptual learning of detection of textures in noise. *Journal of Vision*, *20*(7), 1–12. https://doi.org/10.1167/JOV.20.7.22

James, W. (1890). *The Principles of Psychology*. Henry Holt and Company.

Jonides, J. (1981). Voluntary versus automatic control over the mind's eye's movement. In J. Long & A. Baddeley (Eds.), *Attention and Performance XI* (pp.

187–203). Lawrence Erlbaum Associates.

Juola, J. F., Koshino, H., Warner, C. B., McMickell, M., & Peterson, M. (2000). Automatic and Voluntary Control of Attention in Young and Older Adults. *The American Journal of Psychology*, *113*(2), 159. https://doi.org/10.2307/1423726

Kaernbach, C. (2001). Adaptive threshold estimation with unforced-choice tasks. *Perception & Psychophysics*, *63*(8), 1377–1388.

Kassambara, A. (2020). *ggpubr: "ggplot2" Based Publication Ready Plots*. https://cran.r-project.org/package=ggpubr

Kassambara, A. (2021). *rstatix: Pipe-Friendly Framework for Basic Statistical Tests*. https://cran.r-project.org/package=rstatix

Kim, H., Ährlund-Richter, S., Wang, X., Deisseroth, K., & Carlén, M. (2016). Prefrontal Parvalbumin Neurons in Control of Attention. *Cell*, *164*(1–2), 208–218. https://doi.org/10.1016/j.cell.2015.11.038

Klein, R. M. (2000). Inhibition of return. *Trends in Cognitive Sciences*, *4*(4), 138–147. https://doi.org/10.1016/S1364-6613(00)01452-2

Kusnir, F., Chica, A. B., Mitsumasu, M. A., & Bartolomeo, P. (2011). Phasic auditory alerting improves visual conscious perception. *Consciousness and Cognition*, *20*(4), 1201–1210. https://doi.org/10.1016/j.concog.2011.01.012

Kuznetsova, A., Brockhoff, P. B., & Christensen, R. H. B. (2017). lmerTest Package: Tests in Linear Mixed Effects Models. *Journal of Statistical Software*, *82*(13), 1–26. https://doi.org/10.18637/jss.v082.i13

Lenth, R. V. (2021). *emmeans: Estimated Marginal Means, aka Least-Squares Means*. https://cran.r-project.org/package=emmeans

Li, S., May, C., Hannan, A. J., Johnson, K. A., & Burrows, E. L. (2021). Assessing attention orienting in mice: a novel touchscreen adaptation of the Posner-style cueing task. *Neuropsychopharmacology*, *46*(2), 432–441. https://doi.org/10.1038/s41386-020-00873-8

Liu, T., Pestilli, F., & Carrasco, M. (2005). Transient attention enhances perceptual performance and fMRI response in human visual cortex. *Neuron*, *45*(3), 469–477. https://doi.org/10.1016/j.neuron.2004.12.039

Luck, S. J., Hillyard, S. A., Mouloua, M., & Hawkins, H. L. (1996). Mechanisms of visual–spatial attention: Resource allocation or uncertainty reduction? *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *22*(3), 725–737.

https://doi.org/10.1037/0096-1523.22.3.725

Luck, S. J., & Vecera, S. P. (2002). Attention. In H. Pashler & S. Yantis (Eds.), *Stevens's handbook of experimental psychology* (3rd ed., pp. 235–286). Jonh Wiley & Sons, Inc.

Lüdecke, D. (2021). *sjPlot: Data Visualization for Statistics in Social Science*. https://cran.r-project.org/package=sjPlot

Lupiáñez, J., & Milliken, B. (1999). Inhibition of Return and the Attentional Set for Integrating Versus Differentiating Information. *The Journal of General Psychology*, *126*(4), 392–418. https://doi.org/10.1080/00221309909595373

Lupiáñez, J., Weaver, B., Tipper, S. P., & Madrid, E. (2001). The effects of practice on cueing in detection and discrimination tasks. *Psicológica*, *22*(1), 1–23.

MacInnes, W. J., Jóhannesson, Ó. I., Chetverikov, A., & Kristjánsson, Á. (2020). No Advantage for Separating Overt and Covert Attention in Visual Search. *Vision*, *4*(2), 28. https://doi.org/10.3390/vision4020028

Macmillan, N. A., & Creelman, C. D. (2005). *Detection theory: A user's guide* (2nd ed.). Lawrence Erlbaum Associates.

Makowski, D. (2018). The Psycho Package: An Efficient and Publishing-Oriented Workflow for Psychological Science. *Journal of Open Source Software*, *3*(22), 470. https://doi.org/10.21105/joss.00470

Marote, C. F. O., & Xavier, G. F. (2011). Endogenous-like orienting of visual attention in rats. *Animal Cognition*, *14*(4), 535–544. https://doi.org/10.1007/s10071-011-0388-3

Martín-Arévalo, E., Kingstone, A., & Lupiáñez, J. (2013). Is "Inhibition of Return" due to the inhibition of the return of attention? *The Quarterly Journal of Experimental Psychology*, *66*(2), 347–359. https://doi.org/10.1080/17470218.2012.711844

McDonald, J. J., & Ward, L. M. (1999). Spatial relevance determines facilitatory and inhibitory effects of auditory covert spatial orienting. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *25*(5), 1234–1252. https://doi.org/10.1037/0096-1523.25.5.1234

Meyberg, S., Werkle-Bergner, M., Sommer, W., & Dimigen, O. (2015). Microsaccade-related brain potentials signal the focus of visuospatial attention. *NeuroImage*, *104*, 79–88. https://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2014.09.065

Mondor, T. A., & Zatorre, R. J. (1995). Shifting and focusing auditory spatial attention. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *21*(2), 387–409. https://doi.org/10.1037/0096-1523.21.2.387

Nakagawa, S., & Schielzeth, H. (2013). A general and simple method for obtaining R2 from generalized linear mixed-effects models. *Methods in Ecology and Evolution*, *4*(2), 133–142. https://doi.org/10.1111/j.2041-210x.2012.00261.x

Osako, Y., Sakurai, Y., & Hirokawa, J. (2018). Subjective decision threshold for accurate visual detection performance in rats. *Scientific Reports*, *8*(1), 1–10. https://doi.org/10.1038/s41598-018-27696-4

Phillips, J. M., & Brown, V. J. (2000). Anticipatory errors after unilateral lesions of the subthalamic nucleus in the rat: Evidence for a failure of response inhibition. *Behavioral Neuroscience*, *114*(1), 150–157. https://doi.org/10.1037//0735-7044.114.1.150

Phillips, J. M., McAlonan, K., Robb, W. G. K., & Brown, V. J. (2000). Cholinergic neurotransmission influences covert orientation of visuospatial attention in the rat. *Psychopharmacology*, *150*(1), 112–116. https://doi.org/10.1007/s002130000437

Pierce, A. M., McDonald, J. J., & Green, J. J. (2018). Electrophysiological evidence of an attentional bias in crossmodal inhibition of return. *Neuropsychologia*, *114*(April), 11–18. https://doi.org/10.1016/j.neuropsychologia.2018.04.007

Posner, M. I. (1980). Orienting of attention. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, *32*(1), 3–25. https://doi.org/10.1080/00335558008248231

Posner, M. I., & Cohen, Y. (1984). Components of visual orienting. In H. Bouma & D. Bouwhuis (Eds.), *Attention and Performance X* (pp. 531–556). Lawrence Erlbaum.

Pratt, J., & McAuliffe, J. (1999). Examining the effect of practice on inhibition of return in static displays. *Perception & Psychophysics*, *61*(4), 756–765. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10370341

R Core Team. (2021). *R: A Language and Environment for Statistical Computing*. https://www.r-project.org/

Remington, R., & Pierce, L. (1984). Moving attention: Evidence for time-invariant shifts of visual selective attention. *Perception & Psychophysics*, *35*(4), 393–399. https://doi.org/10.3758/BF03206344

Rimsky-Robert, D., Störmer, V. S., Sackur, J., & Sergent, C. (2019). Retrospective auditory cues can improve detection of near-threshold visual targets. *Scientific Reports*, *9*(1), 1–11. https://doi.org/10.1038/s41598-019-55261-0

Roohbakhsh, A., Shamsizadeh, A., Arababadi, M. K., Ayoobi, F., Fatemi, I., Allahtavakoli, M., & Mohammad-Zadeh, M. (2016). Tactile learning in rodents: Neurobiology and neuropharmacology. *Life Sciences*, *147*, 1–8. https://doi.org/10.1016/j.lfs.2016.01.031

Rosner, A. L., & Mittleman, G. (1996). Visuospatial attention in the rat and posterior parietal cortex lesions. *Behavioural Brain Research*, *79*, 69–77. https://doi.org/10.1016/0166-4328(95)00263-4

Salagovic, C. A., & Leonard, C. J. (2021). A nonspatial sound modulates processing of visual distractors in a flanker task. *Attention, Perception, and Psychophysics*, *83*(2), 800–809. https://doi.org/10.3758/s13414-020-02161-5

Shulman, G. L., Remington, R. W., & McLean, J. P. (1979). Moving attention through visual space. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *5*(3), 522–526. https://doi.org/10.1037/0096-1523.5.3.522

Solovey, G., Shalom, D., Pérez-Schuster, V., & Sigman, M. (2016). Perceptual learning effect on decision and confidence thresholds. *Consciousness and Cognition*, *45*, 24–36. https://doi.org/10.1016/j.concog.2016.08.010

Spence, C. (2013). Just how important is spatial coincidence to multisensory integration? Evaluating the spatial rule. *Annals of the New York Academy of Sciences*, *1296*(1), 31–49. https://doi.org/10.1111/nyas.12121

Spence, C., & Driver, J. (1994). Covert spatial orienting in audition: Exogenous and endogenous mechanisms. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, *20*(3), 555–574. https://doi.org/10.1037/0096-1523.20.3.555

Spence, C., & Driver, J. (1998). Auditory and audiovisual inhibition of return. *Perception & Psychophysics*, *60*(1), 125–139. https://doi.org/10.3758/BF03211923

Spence, C., & Gallace, A. (2007). Recent developments in the study of tactile attention. *Canadian Journal of Experimental Psychology*, *61*(3), 196–207. https://doi.org/10.1037/cjep2007021

Spence, C., Lloyd, D., McGlone, F., Nicholls, M. E. R., & Driver, J. (2000). Inhibition of return is supramodal: a demonstration between all possible pairings of vision, touch, and audition. *Experimental Brain Research*, *134*(1), 42–48. https://doi.org/10.1007/s002210000442

Spence, C., & McDonald, J. J. (2004). “The crossmodal consequences of the exogenous spatial orienting of attention.” In G. A. Calvert, C. Spence, & B. E. Stein (Eds.), *The handbook of multisensory processing*. Cambridge, MA: MIT Press.

Sridharan, D., Ramamurthy, D. L., Schwarz, J. S., & Knudsen, E. I. (2014). Visuospatial selective attention in chickens. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, *111*(19), E2056–E2065. https://doi.org/10.1073/pnas.1316824111

Störmer, V. S. (2019). Orienting spatial attention to sounds enhances visual processing. *Current Opinion in Psychology*, *29*, 193–198. https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2019.03.010

Störmer, V. S., McDonald, J. J., & Hillyard, S. A. (2009). Cross-modal cueing of attention alters appearance and early cortical processing of visual stimuli. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America*, *106*(52), 22456–22461. https://doi.org/10.1073/pnas.0907573106

Tan, H. M., Wills, T. J., & Cacucci, F. (2017). The development of spatial and memory circuits in the rat. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Cognitive Science*, *8*(3), 1–16. https://doi.org/10.1002/wcs.1424

Tassinari, G., & Campara, D. (1996). Consequences of covert orienting to non-informative stimuli of different modalities: A unitary mechanism? *Neuropsychologia*, *34*(3), 235–245. https://doi.org/10.1016/0028-3932(95)00085-2

Wagner, U., Baker, L., & Rostron, C. (2014). Searching for inhibition of return in the rat using the covert orienting of attention task. *Animal Cognition*, *17*(5), 1121–1135. https://doi.org/10.1007/s10071-014-0745-0

Wang, L., & Krauzlis, R. J. (2018). Visual Selective Attention in Mice. *Current Biology*, *28*(5), 676-685.e4. https://doi.org/10.1016/j.cub.2018.01.038

Wang, L., McAlonan, K., Goldstein, S., Gerfen, C. R., & Krauzlis, R. J. (2020). A Causal Role for Mouse Superior Colliculus in Visual Perceptual Decision-Making. *The Journal of Neuroscience*, *40*(19), 3768–3782. https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.2642-19.2020

Wang, Z., & Theeuwes, J. (2012). Dissociable Spatial and Temporal Effects of Inhibition of Return. *PLoS ONE*, *7*(8), e44290. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0044290

Ward, N. M., & Brown, V. J. (1996). Covert orienting of attention in the rat and the role of striatal dopamine. *The Journal of Neuroscience : The Official Journal of the*

Society for Neuroscience, *16*(9), 3082–3088. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/8622137

Ward, N. M., & Brown, V. J. (1997). Deficits in response initiation, but not attention, following excitotoxic lesions of posterior parietal cortex in the rat. *Brain Research*, *775*(1–2), 81–90. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9439831

Ward, N. M., Sharkey, J., Marston, H. M., & Brown, V. J. (1998). Simple and choice reaction-time performance following occlusion of the anterior cerebral arteries in the rat. *Experimental Brain Research*, *123*(3), 269–281. https://doi.org/10.1007/s002210050569

Weaver, B., Lupiáñez, J., & Watson, F. L. (1998). The effects of practice on object-based, location-based, and static-display inhibition of return. *Perception & Psychophysics*, *60*(6), 993–1003. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/9718958

Weese, G. D., Phillips, J. M., & Brown, V. J. (1999). Attentional orienting is impaired by unilateral lesions of the thalamic reticular nucleus in the rat. *The Journal of Neuroscience : The Official Journal of the Society for Neuroscience*, *19*(22), 10135–10139. http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10559421

Wickham, H. (2016). *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. Springer-Verlag New York. https://ggplot2.tidyverse.org

Wickham, H., Averick, M., Bryan, J., Chang, W., McGowan, L., François, R., Grolemund, G., Hayes, A., Henry, L., Hester, J., Kuhn, M., Pedersen, T., Miller, E., Bache, S., Müller, K., Ooms, J., Robinson, D., Seidel, D., Spinu, V., … Yutani, H. (2019). Welcome to the Tidyverse. *Journal of Open Source Software*, *4*(43), 1686. https://doi.org/10.21105/joss.01686

Wright, R. D., & Richard, C. M. (2000). Location cue validity affects inhibition of return of visual processing. *Vision Research*, *40*(17), 2351–2358. https://doi.org/10.1016/S0042-6989(00)00085-7

Xie, Y., Allaire, J. J., & Grolemund, G. (2018). *R Markdown: The Definitive Guide*. Chapman and Hall/CRC. https://bookdown.org/yihui/rmarkdown

Xie, Y., Dervieux, C., & Riederer, E. (2020). *R Markdown Cookbook*. Chapman and Hall/CRC. https://bookdown.org/yihui/rmarkdown-cookbook

Yoder, R. M., Valerio, S., Crego, A. C. G., Clark, B. J., & Taube, J. S. (2019). Bilateral postsubiculum lesions impair visual and nonvisual homing performance in rats. *Behavioral Neuroscience*, *133*(5), 496–507. https://doi.org/10.1037/bne0000321

Zhang, S., Xu, M., Kamigaki, T., Hoang Do, J. P., Chang, W.-C., Jenvay, S., Miyamichi, K., Luo, L., & Dan, Y. (2014). Long-range and local circuits for top-down modulation of visual cortex processing. *Science*, *345*(6197), 660–665. https://doi.org/10.1126/science.1254126